

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE FILOSOFIA

RODRIGO PEREIRA MUNARI

**LIBERDADE E RESPONSABILIDADE:
a busca pelo sentido em Viktor Frankl**

Porto Alegre
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RODRIGO PEREIRA MUNARI

**LIBERDADE E RESPONSABILIDADE:
a busca pelo sentido em Viktor Frankl**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, pelo Curso de Filosofia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Marques de Jesus

Porto Alegre

2021

Aprovada em ____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luciano Marques de Jesus - Orientador

Prof. Dr. Draiton Gonzaga de Souza

Prof. Me. Leonardo Agostini

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Daniela Bitencourt dos Santos, minha companheira na jornada da vida, por incentivar o meu regresso após vinte anos ao curso de Filosofia.

Ao meu orientador, Professor Dr. Luciano Marques de Jesus, pela parceria desde o primeiro semestre do curso, e por ter me apresentado à obra de Viktor Frankl.

Ao Professor Dr. Pergentino Steffano Pivatto, que foi quem me deu boas-vindas no primeiro dia de aula e me abriu as janelas do mundo da Antropologia Filosófica ao longo de dois semestres incríveis.

Aos meus sábios, incansáveis e generosos professores.

E, por fim, aos meus colegas filosofantes.

A travessia foi mais bonita, prazerosa e educativa ao lado de vocês.

Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades.

(Tio Ben, em O Homem-Aranha)

RESUMO

Viktor Emil Frankl (1905-1997), médico psiquiatra e doutor em filosofia, é o criador da Logoterapia, a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. É um defensor da vida, e desenvolve o conceito da vontade de sentido como centro gravitacional da existência humana. Esta monografia tem como objetivo geral definir a importância da liberdade e da responsabilidade na busca pelo sentido; pretende ainda apresentar o filósofo Viktor Frankl e sua obra; compreender o que é a vontade de sentido; e demonstrar que uma vida dotada de sentido tende a ser mais exitosa, apesar das adversidades. A pesquisa será de natureza básica e terá uma abordagem qualitativa. O procedimento será bibliográfico. Conclui que a vontade de sentido é o combustível que movimenta o ser humano rumo ao êxito nos enfrentamentos estabelecidos pela vida, que não há um caminho bem percorrido sem que a liberdade e a responsabilidade não caminhem juntas, e que a vida necessita de sentido, apesar das suas contingências.

PALAVRAS-CHAVE: Viktor Frankl. Sentido. Liberdade. Responsabilidade.

ABSTRACT

Viktor Emil Frankl (1905-1997), psychiatrist and Doctor of Philosophy, is the creator of Logotherapy, the Third Viennese School of Psychotherapy. He is an advocate of life and develops the concept of the will to meaning as the gravitational center of human existence. This monograph aims to define the importance of freedom and responsibility in the search for meaning; it also intends to present the philosopher Viktor Frankl and his work; understand what the will to meaning is; and demonstrate that a meaningful life tends to be more successful despite adversity. The research will be of a basic nature and will have a qualitative approach. The procedure will be bibliographic. It concludes that the will for meaning is the fuel that moves human beings towards success in the confrontations established by life, that there is no well-trodden path without freedom and responsibility not walking together, and that life needs meaning, despite of its contingencies.

KEYWORDS: Viktor Frankl. Sense. Freedom. Responsibility.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2 VIKTOR EMIL FRANKL.....	12
3 A VONTADE DE SENTIDO.....	21
4 LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NA BUSCA DO SENTIDO.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Viktor Emil Frankl (1905-1997), médico psiquiatra e doutor em filosofia, fundou uma escola de Psicoterapia que influenciou a Filosofia, a Teologia, a Psicologia, a Sociologia e a Educação: a Logoterapia e análise existencial. Para Frankl, o ser humano possui mais do que uma vontade de prazer e uma vontade de poder: há uma vontade de sentido como motivação fundamental para a vida das pessoas.

E qual é o papel da liberdade e da responsabilidade na vontade de sentido?

Este trabalho pretende discorrer sobre isso, além de apresentar o filósofo Viktor Frankl e sua obra; compreender o que é essa vontade de sentido e os valores fundamentais no exercício dessa vontade – o dever ser; definir a importância da liberdade e da responsabilidade nessa jornada de conhecimento; e, por fim, demonstrar que uma vida dotada de sentido tende a ser mais exitosa, apesar das adversidades encontradas no caminho.

A pesquisa será de natureza básica e terá uma abordagem qualitativa. O procedimento será bibliográfico, tendo como base para as explicações, questionamentos e possíveis elucidações, livros e publicações acadêmicas em plataformas variadas sobre o tema.

Nos últimos anos, percebe-se um aumento significativo no número de patologias mentais e suicídios no ocidente, e para piorar a situação, a pandemia da Covid-19 potencializa a quantidade de casos. A obra de Viktor Emil Frankl trabalha no conceito, na compreensão e na busca pela vontade de sentido, contribuindo desta forma para a valorização da vida, dado que a vida necessita de sentido, apesar das suas contingências, das suas circunstâncias.

Esta monografia não pretende aprofundar-se no psiquiatra fundador da terceira escola vienense de Psicoterapia pois, por mais que um indivíduo seja formado de diversas camadas de conhecimento e que essas camadas sejam inter-relacionadas, é o filósofo Frankl o protagonista deste trabalho.

Se cada pessoa é uma espécie de laboratório para a humanidade, a vida de Frankl é, sem dúvida, um belo manual de instruções na busca de sentido para a vida. Com ele aprendemos que a liberdade existe, que a busca pela vontade de sentido é pessoal e intransferível, e que somente quando se ama a própria vida é que nasce a possibilidade de se viver para o mundo.

Quando existe a consciência de que não estamos sozinhos no planeta, surge o desejo de se deixar um legado de boas ações e realizações para as gerações vindouras, o que nos leva às perguntas: de quem é essa responsabilidade? O que você pretende deixar? Será que esse

desejo de construir um mundo melhor para quem ainda não chegou é um caminho para encontrar um sentido para a vida? Esse sentido é coletivo? Essas questões serão analisadas no presente trabalho.

2 VIKTOR EMIL FRANKL

Quando se questiona o papel da liberdade e da responsabilidade na busca pela vontade de sentido, é importante definir e conceituar o que é essa vontade de sentido em Viktor Frankl, pois, para que existam condições razoáveis no processo de dialogar, discutir ideias e construir conceitos, os interlocutores precisam conhecer e definir a base em que a conversa vai se sustentar, o seu ponto de partida.

Conhecer os momentos importantes e decisivos na trajetória de vida da pessoa que pensou, elaborou e criou a obra, é o primeiro passo para a introdução no tema, porque são as vivências do autor e a sua percepção do mundo, o manancial do qual jorram seus questionamentos e suas crenças, e isso obrigatoriamente leva à pergunta: quem é Viktor Emil Frankl?

Viktor Emil Frankl, nasce no dia 26 de março do ano de 1905, em Viena, na Áustria, no seio de uma família judaica. É um dos três filhos do casal Gabriel Frankl e Elsa Lion, tendo como irmão mais velho Walter August Frankl, e como irmã, Stella Josefina Frankl.

Elsa casou-se com Gabriel Frankl em 1901, aos vinte e dois anos de idade. Seu esposo tinha quarenta anos no dia de sua boda, era um senhor dedicado à família e ao trabalho, um homem religioso, mas com espírito crítico, ou seja, um judeu liberal, como seria denominado mais tarde por Viktor. Nasceu em 1861 numa família de origem humilde da aldeia de Pohrlitz, no sul da Morávia, que na época pertencia ao império Austro-Húngaro. O senhor Gabriel passou por dificuldades financeiras até se formar em medicina, quando teve que abandonar a profissão e ingressar no serviço público. Posteriormente, tornou-se diretor no Ministério do Serviço Social, ocasião em que fundou a Central para Proteção da Criança e Assistência aos Jovens, juntamente com o ministro Joseph Maria von Bärnreither.¹

A Viena do início do século XX é um polo cultural europeu, referência em arte e educação. Essa terra que pariu os geniais Mozart e Schubert, que acolheu o não menos genial Beethoven, com uma universidade fundada em 1365 – ainda na Idade Média –, lugar em que grandes pensadores como Sigmund Freud, Edmund Husserl, Franz Brentano, Martin Buber e Alfred Adler estudaram, dona de uma vida intelectual pulsante, é a mesma que recebe uma parcela importante de imigrantes judeus que andavam em busca de uma vida melhor para as suas famílias, tornando-se assim um centro cultural do judaísmo, pois grande parte dos profissionais que trabalhavam na cidade eram de origem judaica. Nenhum desses judeus por

¹ AQUINO, 2013, p. 14.

mais que escutassem aqui ou ali discursos antissemitas, poderia imaginar a carga de dor e desumanidade que estaria por vir.

Viktor Emil Frankl, sofre o impacto de duas grandes guerras. A primeira na sua infância, quando com nove anos de idade refugia-se com os pais e irmãos na terra natal de seu pai – a aldeia de Pohrlitz, no sul da Morávia.² Este é um período duro para a família, o Sr. Gabriel Frankl, assim como a maioria dos funcionários públicos, enfrenta graves problemas financeiros, e a escassez de alimentos faz com que dois dos seus filhos, os meninos Walter e Viktor, visitem as propriedades mais abastadas para pedir pão e as lavouras mais próximas para roubar milho.³

O segundo enfrentamento oriundo de uma guerra, é ainda mais devastador para a família Frankl, pois encontra Viktor já adulto, formado em Medicina e em pleno exercício da profissão, precisando abdicar de todo seu trabalho, pesquisas e expectativas familiares ao ser subjugado pelo exército alemão.

Com relação à família Frankl, o irmão Walter tentou fugir para a Itália, mas foi deportado para Auschwitz e lá faleceu. Sua irmã teve mais sucesso e se refugiou na Austrália. Uma de suas primas ficou durante toda a guerra no apartamento de uma baronesa católica em Viena. Seus pais já estavam idosos e não podiam se refugiar em outro país.⁴

No ano de 1937, a Áustria foi invadida pelo exército nazista e a perseguição aos judeus tornou-se mais intensa e efetiva. Viktor Frankl, impedido de exercer a profissão em sua clínica particular, trabalha como diretor do departamento de neurologia do Hospital Rothschild – o único hospital de Viena em que se admitiam judeus naquele momento, o que garante minimamente a proteção para si e para os seus familiares. Ele aguarda o visto para se refugiar nos Estados Unidos e consegue. Surge, então, o dilema na cabeça de Viktor Frankl: ir para os Estados Unidos com a esposa Tilly Grosser para exercer o seu ofício, dar aulas e ser feliz, ou permanecer em Viena para ficar ao lado dos pais já idosos?

[...] foi discernir sobre a dúvida na Catedral Gótica de Santo Estêvão (Stephansdom), no coração de Viena. Os vitrais e a tênue luminosidade permitiram que Frankl se distanciasse da agitação da cidade para refletir sobre o dilema existencial, qual seja: o amor aos seus pais *versus* sua brilhante carreira em Nova York.⁵

² Atualmente a região da Morávia faz parte da República Tcheca.

³ Cf. AQUINO, 2013, p. 16.

⁴ AQUINO, 2013, p. 23-24.

⁵ Ibid., p. 24.

As circunstâncias e contingências que a vida apresenta, às vezes, podem ajudar na resolução de alguns problemas, e certamente auxiliam nas escolhas de cada indivíduo. Com Viktor Frankl, não é diferente.

Um dia, quando chega na casa dos seus pais, enxerga um pedaço de mármore rabiscado. Pergunta o que é aquilo e por que o pai guarda aquele pedaço de pedra. O senhor Gabriel Frankl responde ao filho que aquilo é um pedaço da sinagoga de Viena destruída pelos nazistas, e que nela estava grifado um dos dez mandamentos. Para surpresa de Viktor, o mandamento que ali estava impresso era o quarto: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem teus dias na terra que Iahweh, teu Deus, te dá”. O dilema acabara de ser dissipado, e o visto para o ingresso nos Estados Unidos haveria de esperar.

No mês de setembro de 1942, Frankl, juntamente com seus pais, é conduzido para Theresienstadt, o primeiro dos quatro campos de concentração que conheceria. Ainda passaria por Auschwitz, Kaufering e Türkheim, esses dois últimos dependentes do campo de Dachau. Sua esposa Tilly Grosser, grávida de cinco meses, é forçada a abortar. Ela morre em Theresienstadt, bem como Gabriel Frankl, pai de Viktor. Seu irmão Walter e sua mãe morrem em Auschwitz. A irmã de Viktor, Stella Josefina, refugia-se na Austrália e sobrevive à guerra.

Nos campos de concentração, durante três longos anos, Frankl experimenta toda sorte de sentimentos. Como humanista que é, observa e percebe todas as reações dos prisioneiros e dos guardas do exército alemão; luta dia a dia contra a fome, o frio, a fadiga, e descobre que, mesmo nas situações mais precárias e adversas, é possível que se faça a descoberta de um sentido em meio ao caos.

Sentido, eis a chave para a vida segundo Frankl, que traz consigo desde pequeno uma postura filosófica, questionadora, pois aos quatro anos de idade, ao tomar consciência da morte, fica chocado com a finitude, inclusive por dar-se conta de que também era finito. Mais tarde, ainda na infância, surgem as primeiras perguntas sobre o sentido da vida e o sentido da morte, se a transitoriedade da vida não aniquila o seu sentido.

Entretanto, encontramos uma inquietação filosófica no espírito do jovem Frankl. Quando ainda tinha 13 anos, seu professor de ciências ensinava que a vida não passava de um processo de oxidação e combustão; tal concepção niilista fez com que Frankl questionasse o mestre: ‘Que sentido tem então a vida?’.⁶

⁶ AQUINO, 2013, p. 18.

O espírito da época naquela parte da Europa fortalece a desesperança entre os jovens. Há um pessimismo instaurado, um clima de incerteza e desconfiança, uma herança ruim também deixada pelo término ainda muito recente da primeira grande guerra. Viktor Frankl percebe isso e vai fortalecendo sua percepção de que a vida necessita de sentido, tanto que em 1927, ainda estudante de Medicina, funda postos de aconselhamento para a juventude, no intuito de reduzir os índices de suicídio na Europa central que estavam demasiadamente altos. Esse projeto foi bastante exitoso. Viktor, com a ajuda de outros terapeutas, trabalha com afinco e, no ano de 1930, não é registrada nenhuma tentativa de suicídio em Viena.⁷

Ainda na adolescência Frankl encanta-se com Freud, lê seus escritos e começa a trocar correspondências com o pai da psicanálise. Essas cartas, em sua maioria, foram confiscadas e destruídas pela Gestapo. Restou somente uma delas, que Freud enviou para a *Revista Internacional de Psicanálise* e foi publicada em 1924. Freud foi um mestre para Frankl, mesmo que eles tenham se encontrado pessoalmente somente uma vez. Sobre esse encontro, Viktor Frankl comenta:

Freud era um homem velho, tão velho como sou agora. Costumava passear no parque, perto da Universidade de Viena, com roupas velhas, um chapéu surrado. Quando o vi, falei a mim mesmo: ‘Parece o Freud!’. Eu o segui e me apresentei: ‘Tenho a honra de estar falando com o Dr. Freud? Meu nome é Viktor Frankl’. Ele reagiu: ‘Viktor Frankl? Rua Czerningasse, número 6, apartamento 25?’. Respondi: ‘Correto’. Ele lembrava meu endereço porque, em meu tempo de escola, mantivemos correspondência.⁸

Em sua formação acadêmica, Frankl se envolve com a psicologia individual de Alfred Adler, o primeiro dissidente de Freud que traz uma alternativa à teoria psicanalítica freudiana. Adler enfatiza a vontade de poder, em um contraponto à vontade de prazer defendida por seu professor. Para Frankl, a psicologia individual de Adler representa uma guinada copernicana nos processos da psiquiatria; todavia, é Frankl quem enxerga além do seu mestre, compreendendo que, além da vontade de prazer e da vontade de poder, o que determina a gana pela vida, ou pelo menos a possibilidade de enfrentamento, é a vontade de sentido.

[...] Frankl cursou a formação em neurologia na Maria Theresien-Schlössel de Viena. Enquanto, em janeiro de 1933, Hitler era eleito chanceler da Alemanha, Viktor Frankl prosseguia com sua brilhante carreira de psiquiatra e neurologista, responsável pelo pavilhão de suicidas do hospital psiquiátrico Am Steinhof, onde trabalhou durante quatro anos. Ao fim desse período, Frankl contabilizou doze mil atendimentos de pacientes depressivos. A

⁷ Cf. AQUINO, 2013, p. 19-21.

⁸ AQUINO, 2013, p. 17.

experiência lhe concedeu grande capacidade diagnóstica, permitindo avaliar se o paciente estava apto para ter alta em pouco tempo, investigando se havia ou não algo pelo que valesse a pena viver. Aquele que tivesse alguma razão convincente para não cometer o suicídio, como ‘sou necessário no trabalho’, ‘minha religião proíbe o suicídio’, ‘minha família está contando comigo’, poderia ser liberado.⁹

Toda essa práxis, essa aplicação da teoria na vida prática, vai forjando a ideia da Logoterapia, dessa psicologia do sentido da vida, que ainda dava seus primeiros e certos passos, obtendo importantes êxitos no tratamento com depressivos e suicidas.

A Segunda Guerra Mundial traz muito mais percepções e informações sobre o ser humano, e essa vivência insalubre, desumana e muitíssimo precária, mesmo a contragosto, é de grande valia para a teoria de Frankl. Ao sentir na própria carne a dor impingida pela guerra, pelo subjugo, ele valida sua teoria baseado no que denominou *experimentum crucis*. Viktor Emil Frankl, médico, psiquiatra, neurologista, esposo e bom filho, um entusiasta da vida, torna-se somente um número: o 119104.

É o número 119104 que relata a sua chegada em Auschwitz. Afirma que por uma pequena faixa no alto da janela do vagão em que está viajando com outros prisioneiros e suas bagagens poucas, pode-se avistar as múltiplas cercas de arame farpado, torres de vigia e farrapos humanos. A recepção é pautada por gritos e xingamentos; a bagagem fica no vagão, e os prisioneiros formam uma fila. Desfilam perante um oficial superior da SS, que aponta ora para o lado esquerdo, ora para o lado direito, selecionando dessa maneira os recém-chegados.

Nunca escrevi sobre o que aconteceu durante a primeira seleção na estação em Auschwitz. Trata-se de um detalhe. Nunca escrevi a respeito pelo simples motivo de que até hoje não estou bem certo se não é coisa da minha imaginação. Trata-se do seguinte: o Dr. Mengele virou meus ombros não para a minha direita, ou seja, em direção aos sobreviventes, mas para a esquerda, em direção àqueles que iam para a câmara de gás. Mas como não encontrei nenhum conhecido entre as pessoas escolhidas imediatamente antes de mim, e como também percebi que alguns colegas jovens tinham sido direcionados para a direita, deia a volta por trás das costas do Dr. Mengele e acabei, felizmente, entrando na fila da direita. Deus sabe como tive essa ideia e de onde tirei a coragem para isso.¹⁰

Nenhum daqueles indivíduos enfileirados sabe o que significa aquela seleção. O número 119104 foi parar na fila da direita, e é esse mesmo prisioneiro que, em sua primeira

⁹ AQUINO, 2013, p. 21-22.

¹⁰ FRANKL, 2010, p. 111.

noite neste campo de concentração, pergunta para um outro detento que lá está há mais tempo, em que lugar poderia ter ido parar um amigo que estava junto no trem.

- ‘Ele foi mandado para o outro lado?’ – ‘Sim’, respondi. – ‘Então podes vê-lo ali’, disseram. – ‘Onde?’. Uma mão aponta para uma chaminé distante algumas centenas de metros, da qual sobe assustadora e alta labareda pelo imenso e cinzento céu polonês, para se extinguir em tenebrosa nuvem de fumaça. ‘O que há ali?’ – ‘Ali o teu amigo está voando para o céu’, é a resposta grosseira. Continuo sem entender; mas logo começo a compreender, assim que me ‘iniciam’ no assunto.¹¹

Quem ficou no lado esquerdo caminhou para a execução, quem ficou no lado direito foi para a desinfecção. Em uma espécie de antessala, os prisioneiros são despidos de suas vestes, pertences e pelos; alguns tentam negociar para ficar com a aliança, por exemplo, ou com qualquer outro pertence que minimamente os liguem a um fiapo de memória e esperança. Frankl, o prisioneiro 119104, também carrega consigo algo importante, um pedaço de papel que é o manuscrito de um livro que ele considera muitíssimo, e tal qual os outros prisioneiros, tenta convencer o capo¹² a deixá-lo em sua posse. Recebe uma sonora gargalhada como resposta negativa ao seu pedido, e vê seu trabalho sendo perdido, dizimado, porque essa é a normalidade por ali; todavia, ao entrar embaixo do chuveiro, por mais louco que possa parecer, sente-se aliviado porque dele sai água gelada e não gás letal.

Frankl, em seu *experimentum crucis*, conhece as três fases nas reações psicológicas que cada prisioneiro vive no campo de concentração, a saber: o choque de recepção; a vida no campo de concentração; e, a fase depois da libertação.

Na primeira fase, a do choque de recepção, dentre tanta indignidade, ele vive e observa o que a psiquiatria conhece como “ilusão de indulto”, ou seja, uma visão distorcida da realidade precária e hostil em que o indivíduo está inserido. A vida está tão difícil, fora de qualquer razoabilidade, que a pessoa passa a acreditar na possibilidade do impossível. É a esperança superlativa, uma espécie de proteção, um escudo mental para amenizar tamanho sofrimento.

Os dias transcorrem e, diante de eventos cada vez mais difíceis de compreender e vivenciar, uma após a outra as ilusões vão sumindo. Em seu lugar chegam uma curiosidade mórbida – vontade de saber se vai morrer ou escapar vivo dali –, e um senso de humor estranho, que se relaciona com aquela precariedade vivenciada e enfrentada diariamente, pois o

¹¹ FRANKL, 2018, p. 27.

¹² Classe especial de prisioneiros usada para interagir com os prisioneiros comuns, tidos como mais violentos do que a própria guarda do campo.

prisioneiro acha graça de tanta desgraça. O suicídio também aparece como possibilidade de fugir de tanta dor, “ir para o fio”¹³ para muitos, é o caminho da redenção.

A segunda fase, a vida no campo de concentração, chega quando o impacto da chegada vai ficando menos intenso. É quando a dura realidade se apresenta sem maiores ilusões. Neste período, a reação que mais caracteriza o prisioneiro é a apatia. Passando o choque inicial, a pessoa vai morrendo por dentro, consumindo-se em dor e tristeza. O corpo padece devido ao serviço escravo, vai falindo, e a mente sofre pela falta de dignidade, pela falta de humanidade com que é tratada. Os sentimentos reativos vão se mortificando; há uma banalização do errado, uma mortificação do razoável.

A apatia e a insensibilidade emocional, o desleixo interior e a indiferença – tudo isso são características do que designamos de segunda fase dentro das reações psicológicas do recluso no campo de concentração – muito cedo também tornam a vítima insensível aos espancamentos diários e em quase cada hora. Essa ausência de sensibilidade constitui uma couraça sumamente necessária da qual se reveste em tempo a alma dos prisioneiros.¹⁴

A terceira fase, é aquela que se inicia após a libertação do campo, em que o prisioneiro vê as coisas, mas não as consegue sentir. Após tanto subjugo, o prisioneiro, agora liberto, desaprendeu a ser feliz, a sentir a alegria. Sente-se envergonhado com essa incompetência e inapetência para usufruir dessa liberdade tão sonhada. Os dias jamais serão iguais para o sobrevivente, mas é possível que ele reaprenda a sentir.

[...] paras, olhas ao redor e olhas para o alto – e te prostras de joelhos. Neste momento não sabes muito de ti mesmo nem muito sobre o mundo. Dentro de ti apenas ouves as palavras, e sempre as mesmas palavras: ‘Na angústia gritei para o Senhor, e ele me respondeu no espaço livre’. – Quanto tempo ficaste ali ajoelhado? Quantas vezes repetiste aquelas palavras? A lembrança já não o sabe dizer... mas naquele dia, naquela hora, começou tua nova vida – isso sabes. E é passo a passo, não de outro modo, que entras nessa nova vida, tornas a ser pessoa.¹⁵

Antes do final da guerra, de ser libertado, o prisioneiro 119104 passa por momentos horrivelmente desgraçados e, até então, inimagináveis. Conforme ele relata em seu livro *Em Busca de Sentido*, em uma noite – quando dormia amontado com cerca de nove pessoas em um triliche que media ao redor de 2 x 2,5m, com apenas dois cobertores –, foi despertado de forma não intencional por um companheiro que estava se debatendo ao ter um pesadelo. Frankl,

¹³ Expressão usada no campo de concentração para designar o método usual de suicídio: tocar no fio de arame farpado de alta tensão.

¹⁴ FRANKL, 2018, p. 39.

¹⁵ Ibid., p. 115-116.

não ousou acordá-lo, pois sabia que o mais terrível dos sonhos, não seria tão ruim como a realidade. Eis o conceito negativo de felicidade trabalhado em Schopenhauer, a ausência de uma dor maior, de uma situação ainda mais desagradável, o não sofrimento naquele momento.

A ausência de sentimentos, sobretudo os ligados ao exercício empático, vai tomando uma proporção gigantesca dentro dos prisioneiros.

Na enfermaria morre um colega prisioneiro, outro examina os bolsos do morto e sarrupia-lhe as batatas, outro ainda fica com seu casaco. O corpo fica muito tempo estirado até que o “enfermeiro” vem retirá-lo, leva-o para fora. A enfermaria ficava abaixo do nível da rua, puxa as pernas, o tronco, a cabeça vai batendo lugubrememente nos degraus de 20 centímetros, o corpo é abandonado na neve. Na sequência vem a sopa, Frankl olha pela janela e lá está o corpo de seu colega, com quem conversara há poucas horas, com os olhos abertos, como que a olhar para Frankl. Volta a tomar a sopa, espantado por não sentir nada. Não fosse o desejo de entender, do ponto de vista científico, como um prisioneiro comum enfrenta psiquicamente o campo de concentração, esse episódio teria passado completamente despercebido.¹⁶

A Gestapo¹⁷ tortura o prisioneiro 119104 e fixa a sua execução para o dia 3 de maio de 1945; mas, como por milagre, Viktor Emil Frankl é libertado em 27 de abril de 1945, seis dias antes da programação da sua morte, e data em que costumava ir à sinagoga para agradecer.¹⁸

Em 15 de agosto de 1945, ele retorna à Viena para retomar sua vida. Tilly, não estava mais ali para seguirem juntos; porém, dentre os destroços de uma Europa bombardeada e de sua alma dilacerada, chegara a hora da reconstrução: de si mesmo, do mundo e das pessoas.

Em 1945, Frankl escreve o livro que já foi lançado em quase 20 idiomas e vendeu mais de 10 milhões de cópias, *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Seu título originalmente em alemão era ... *trotzdem Ja zum Leben sagen – ... Apesar de tudo, dizer sim à vida*. Na primeira tiragem do livro, o nome do autor não consta na capa, pois a ideia do escritor era lançá-lo de forma anônima o que, por sorte, e por ter ouvido o conselho dos seus amigos, não ocorreu.

Em 1947, Viktor Frankl se casa com Eleonore Schwindt, e é nomeado professor associado de neurologia e psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena. Foi diretor durante 25 anos ininterruptos, do departamento de neurologia da Policlínica de Viena, professor convidado das universidades de Harvard, Stanford, Dallas, San Diego e Pittsburgh,

¹⁶ JESUS, 2018, p. 28-29.

¹⁷ Polícia secreta nazista.

¹⁸ Cf. AQUINO, 2013.

além das conferências proferidas em mais de 200 universidades espalhadas pelo mundo. Recebeu o título de “doutor *honoris causa*” em vinte e nove universidades da Europa, América do Sul, América do Norte, Ásia e África, sendo que, um deles, foi outorgado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no ano de 1984. Foi ainda indicado ao Prêmio Nobel da Paz e membro de honra da Academia Austríaca de Ciências. Morre em Viena, no dia 2 de setembro de 1997, aos 92 anos de idade.

Essas experiências atípicas, por mais dolorosas, desumanas e nefastas, forjam o homem, o médico e o filósofo, e a vida nos campos de concentração no período da Segunda Guerra Mundial, é a fonte para o maior desenvolvimento e maturação do conceito da vontade de sentido, que será abordado ao longo desta monografia.

3 A VONTADE DE SENTIDO

O que é a vontade de sentido?

Essa indagação poderia ser respondida de diversas formas e pontos de vista. Alguns diriam que é uma busca por sabe-se lá o que; outros apostariam que talvez seja um mapa ou uma espécie de roteiro pré-estabelecido por um livro de autoajuda; porém, nada disso parece dialogar com a ideia e o conceito criado por Viktor Emil Frankl.

No século XXI, o vazio interior e a sensação da perda de sentido da vida continuam a ser alguns dos principais problemas e desafios do ser humano. Eu gostaria de aqui cunhar a expressão científica “inhaca existencial” para referir esse enorme vazio: anônimo, inconcusso, indefinível, inenarrável, que se agiganta no interior do sujeito e o assombra. O problema do sentido da vida só surge quando a pessoa se confronta com a falta de sentido, que se manifesta portentosamente pelo sentimento de vazio.¹⁹

Para Frankl, a patologia do nosso tempo é a neurotização da humanidade, um adoecimento social advindo dessa frustração existencial, deste vazio causado pela falta de sentido. Os três sintomas básicos dessa neurose coletiva são: depressão, agressão e adição, o que facilmente se comprova pelo aumento do número de suicídios, violência e drogadição entre os jovens – e outros nem tão jovens assim. A busca por uma felicidade inalcançável, fictícia, essa fome desenfreada de consumo estimulada por sedutoras e atrativas propagandas, em que o ter geralmente possui supremacia sobre o ser, contribui em muito para essa patologia global. É pelo viés negativo, a ausência de sentido, que se pode perceber de forma mais clara o quanto uma vida necessita de sentido, pois é algo pertinente ao humano o autoquestionamento sobre qual a minha função aqui, qual o sentido da vida, será que ela realmente tem algum?

Quando me perguntam acerca das causas do sentimento de falta de sentido ou do vácuo existencial, costumo responder com a seguinte fórmula: ao contrário do animal, o homem não tem instintos que lhe dizem o que *tem de* fazer; e ao contrário do que acontecia em séculos passados, o homem de hoje já não conta com tradições que lhe dizem o que *deve* fazer; assim, muitas vezes parece já não saber o que *quer*. Em consequência, acaba por empenhar-se em querer fazer o que os outros fazem – e o resultado é o conformismo, a massificação típica da sociedade atual.²⁰

As redes sociais, publicizando cada vez mais fragmentos supra-hedonistas das vidas alheias, em sua maioria clicados exaustivamente, até que dentre dezenas ou centenas de poses

¹⁹ JESUS, 2018, p. 18.

²⁰ FRANKL, 2016, p. 14 -15.

de uma mesma cena um registro fique bom para essa venda de vida artificialmente feliz, de mundo ideal, sem dores, tropeços ou amarguras, contribuem em grande parte para esse vazio interior. Se nosso lugar no mundo e a nossa compreensão dele é construída em relação a algo, a alguma coisa, é no mínimo catastrófico olhar para a própria vida em comparação com essa vida falsa divulgada e escancarada pelo *digital influencer* do momento. Todo mundo é rico, lindo, inteligente e descolado no *Facebook*; e o pior é que anestesiados e bêbados dessa constante compra e venda de vida fantasiosa digital, não há possibilidade de êxito na comparação. Quem se mede com os egos digitais alheios, nunca está à altura deles.

Píncaros de felicidade existem, e ao longo da visita por aqui, a maioria das pessoas poderá vivenciar algo assim. Vale ressaltar que esses momentos apoteóticos diferem de pessoa para pessoa. O que é igual, é o fato de que não é possível que alguém viva todo o tempo nesse modo totalmente feliz. Overdose de felicidade mata, faz morrer aquele que acredita ser possível viver a vida assim, como uma imagem sorridente congelada e datada no *Instagram*.

O que se faz necessário aqui é uma reviravolta em toda a colocação da pergunta pelo sentido da vida. Precisamos aprender e ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós. Falando em termos filosóficos, poder-se-ia dizer que se trata de fazer uma revolução copernicana.²¹

O êxito na busca pela vontade de sentido, não ocorre quando o indivíduo sabatina a vida, e sim quando a cada momento ele se propõe a responder às perguntas que a vida apresenta, quando neste processo de autodescobrimento, ele se posiciona como o indagado.

Não há um sentido único e geral a ser buscado como um antídoto exclusivo para o vazio existencial, nem é possível que ele seja encontrado internamente; são as indagações da vida que podem trazer sentido ao serem respondidas, e esse sentido pode ser mais de um; aliás, podem ser muitos os sentidos que despertam ao longo do dia e ao longo de todo o tempo da existência do indivíduo.

Por mais estranhamento que esse parágrafo possa causar em uma primeira impressão, a síntese, é que o sentido da vida é externo, isto é, só pode ser encontrado no mundo e não em si mesmo.

Há ainda um outro argumento, mais decisivo, um verdadeiro *experimentum crucis*, um teste – no sentido mais amplo possível da palavra – que não resulta de uma situação experimental artificialmente criada, mas de uma situação-limite do ser humano. Refiro-me aos campos de concentração e de prisioneiros

²¹ FRANKL, 2018, p. 101.

de guerra. Afinal de contas, foi esta a lição que pude aprender pessoalmente – ou, melhor, tive de aprender – em Auschwitz e em Dachau: isto é, que aqueles reclusos que se orientavam na direção de um futuro que de alguma forma esperava por eles, que tinham uma tarefa futura a realizar, eram os que apresentavam maiores probabilidades de sobrevivência.²²

É neste desconfortável lugar, em que nada parece ser razoável, no qual a vida não tem a menor graça, neste vazio, que surge a potência da vontade de sentido, pois se nos momentos difíceis tudo tende à inércia, a busca pela vontade de sentido é o combustível que movimenta, que impulsiona, que transforma o indivíduo em um ser voluntarioso, consciente do seu lugar no mundo. Há sempre algo interessante a ser desvelado, resta a cada um, ao seu tempo, encontrar essa coisa pela qual a vida valha a pena.

As pessoas trazem dentro de si o instinto de sobrevivência. Para sobreviver precisam de alimento, e a busca por eles é antes de tudo instintiva, vide o bebê que ao nascer procura o seio da mãe e, ao encontrá-lo, o suga com todas as suas forças. Instinto. Porém, quando o ser humano produz pratos mais elaborados, combinando ingredientes que aliam saúde e principalmente sabor, ele não está pensando somente na sua sobrevivência, ele está buscando o prazer na ação de alimentar-se, desenvolvendo rituais que emolduram o ato instintivo. O que é bom, o que encanta, é a busca da maioria das pessoas no mundo, dia após dia, e esse desejo, essa vontade, está para além dos instintos.

Se o movimento e o direcionamento da vida rumam para esse lugar, para o encontro do bom, também o ruim, tem uma importante função. Ao experimentar o ruim – salvo se o indivíduo no caso sofrer de uma psicopatologia, se for masoquista –, uma pessoa normal não sentirá prazer, muito antes pelo contrário, sentirá dor, desconforto, e todo esse incômodo gerado deixará marcas. Mas o que se aprende com o ruim?

O viés negativo é sempre um sinal de alerta para o que não fazer, e quando se prova o gosto do ruim, potencializa-se o sabor do bom. Aprender o que não se deve fazer, também é um modo de valorizar a vida, é mais um passo em direção ao dever ser.

Surge outra pergunta: sem sofrimento, desgosto, dor ou frustração, é possível encontrar o sentido? Não é necessário sofrer para encontrar o sentido, porque somente aquele sofrimento imposto pelo destino tem essa chave que pode abrir a possibilidade de descoberta de um sentido para aquele momento atípico. A vida, porém, não se resume a essa dicotomia, a essa dualidade, há muito mais a ser descoberto entre os polos de uma existência humana do que pressupõe a

²² FRANKL, 2016, p. 20-21.

lógica binária; mas, ao se conhecer os extremos, torna-se possível a busca pelo equilíbrio, e transitar pelos caminhos do meio, entre o riso e o choro, entre a luz e a escuridão, pode transformar-se em uma aventura repleta de sentido.

O modo como enxergamos o mundo nos propicia a boa ou a má sorte nos nossos enfrentamentos diários. Para ilustrar e facilitar essa compreensão ele nos conta uma pequena história, transcrita a seguir:

Eu mesmo já cheguei a relatar, numa das minhas obras, um diálogo socrático improvisado que mantive com um velho médico que me veio procurar:

- Há dois anos que minha esposa faleceu; amava-a sobre todas as coisas, e ainda não consegui superar essa perda. Bem sei que o senhor também não pode ajudar, e muito menos ressuscitar a minha mulher. Pois receitar-me algum calmante, isso até eu posso fazer.
- Caro colega – respondi-lhe simplesmente –, diga-me apenas o seguinte: que teria acontecido se, em vez dela, tivesse sido o senhor a falecer primeiro?
- Isso teria sido horrível para ela. Teria sofrido muito.
- Como o senhor vê – acrescentei –, essa dor foi poupada à sua esposa, e foi o senhor que a protegeu do sofrimento, mas a este preço: agora tem de chorá-la e sofrer com a sua ausência.

Isso foi para ele um giro copernicano. Naquele momento, o seu sofrimento passou a ter um sentido: o sentido de um sacrifício.²³

Muita gente, ao deparar-se com os testemunhos dos sacrifícios vividos pelos santos e profetas da tradição judaico-cristã, não percebe que há um sentido às vezes implícito em cada escolha, e que mesmo nos textos sagrados, ela é individual, personalíssima e intransferível.

Sigmund Freud (1856-1939), considerado o pai da psicanálise, afirma que a chave para interpretar o ser humano é a vontade de prazer. Alfred Adler (1870-1937), discípulo de Freud, afirma que a chave interpretativa do ser humano é a vontade de poder. Não é preciso ser um grande pensador para notar que ambas as vontades movimentam em muito as pessoas.

Freud e Adler são considerados mestres por Frankl. Com 16 anos, ele se correspondia com Freud, conforme publicou na Revista Internacional de Psicanálise. Fez parte dos círculos da Psicanálise e da Psicologia Individual, mas progressivamente suas ideias foram se afastando de ambas as perspectivas. Com relação a Freud, afirma que sua cadeira estará sempre vazia, que tem e sempre terá um papel imprescindível e insubstituível para a psicoterapia, presente e futura. O mestre é o gigante, mas o anão (ele próprio) nos ombros do gigante enxerga mais longe, pois enxerga de cima.²⁴

Frankl não faz de sua teoria um processo fechado em si mesmo. Para ele, há sempre a possibilidade de que alguém possa contribuir para melhorar esses conceitos. Porém, é

²³ FRANKL, 2016, p. 50-51.

²⁴ JESUS, 2018, p. 19.

importante observar a concretude do que se propõe. É na vida o lugar no qual o sentido deve ser descoberto, nas ações práticas, na carne que realiza, pois, para Frankl, o ser humano é, sempre, ser-em-situação, ou seja, um indivíduo concreto em uma situação concreta, não é predeterminado a ter uma reação para algo que ainda não se apresentou. O sentido não é globalizante e genérico, e por ter essa característica da individualidade, é único e intrasferível, não dá para passar a função adiante. Pode até parecer que há um sentido comum, pois alguns valores humanos como o respeito pela vida tendem a ser um desejo da maioria; mas não é disso que se está tratando. A busca por essa vontade de sentido não é coletiva, mesmo que o desejo possa ser, pois é a transcendência de cada um ao deparar-se com um valor criativo, experiencial ou atitudinal, que ditará o jeito de agir naquela busca, e isso é um caminho que só pode ser percorrido de forma única e individual.

O problema é esse: como poderemos ajudar as pessoas que estão desesperadas pela aparente falta de sentido da vida? Eu disse no início que os valores vão desaparecendo porque são transmitidos pelas tradições e nós presenciamos hoje o declínio das tradições. Mesmo assim acredito que seja ainda possível descobrir significados. A realidade sempre se apresenta na forma de uma particular situação concreta e, uma vez que cada situação de vida é irrepetível, segue-se que o sentido de uma dada situação é único. Não haveria, então, possibilidade alguma de os sentidos serem transmitidos pela tradição. Somente os valores – que poderiam ser definidos como significados universais – podem sofrer a influência do declínio das tradições. Pode-se dizer que os instintos são transmitidos através dos genes e os valores através das tradições, mas quanto aos significados, do momento em que são únicos, eles são objeto de descoberta pessoal. Eles devem ser procurados e encontrados por conta própria de cada um. Tal descoberta de significados únicos, assim como agora os entendemos, será possível mesmo que todos os valores universais desaparecessem completamente. Em duas palavras: os valores estão mortos – vivam os sentidos!²⁵

Em toda a busca por um sentido há sempre que se pensar em uma ética no exercício dessa vontade. O dever ser, o como agir, o modo de se portar e relacionar de forma limpa com as próprias escolhas sem que elas causem problemas aos outros, precisa estar fundamentado na ética. Segundo escreve Frankl, o ser humano em essência, é motivado pela vontade de sentido. “Se exigirmos do homem o que ele deve ser, faremos dele o que ele pode ser. Se, pelo contrário, o aceitarmos como é, então acabaremos por torná-lo pior do que é”.²⁶

²⁵ FRANKL, 2005, p. 40.

²⁶ FRANKL, 2016, p. 18.

Essa tensão entre o que já foi alcançado e o que se busca alcançar, entre o que se é e o que se deveria ser, se pautada pela ética, é um ingrediente importante no despertar da vontade de sentido, ou seja, a luta e o esforço na busca por um objetivo que valha a pena ser realizado.

O dever ser flerta com a esperança, com o desejo utópico da perfeição das pessoas, mas não serão as utopias potentes fontes de mudança e melhoria para o ser humano, para as comunidades, para o mundo?

4 LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NA BUSCA DO SENTIDO

Em última análise, viver não significa outra coisa se não arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento.²⁷

Se o ser humano conseguiu estabelecer sua posição de dominação sobre os outros animais do planeta, é porque aprendeu a imaginar. Projetar uma ideia, desejar algo que ainda não está concreto, é o que colocou o *Homo sapiens* em um outro patamar evolutivo, pois de nada adianta para o processo pensar sozinho, imaginar sozinho e desejar sozinho. O êxito, a materialização do imaginado, só pôde realizar-se no coletivo, e, para isso, a linguagem foi essencial. Comunicar com eficácia para partilhar ideias, desejos, conceitos, e tantas outras coisas pertinentes as relações humanas, ainda é uma tarefa complexa atualmente. Com a cooperação o *homo sapiens* pôde enfrentar os grandes mamíferos, virou o jogo e os subjuguou. Somando intelectos, potencializando forças, a posição no meio da cadeia alimentar foi mudando, e o animal frágil foi subindo de patamar, chegando ao topo.

A capacidade de criar uma realidade imaginada com palavras possibilitou que muitos estranhos cooperem de maneira eficaz. Mas também fez algo mais. Uma vez que a cooperação humana em grande escala é baseada em mitos, a maneira como as pessoas cooperam pode ser alterada modificando-se os mitos – contando-se histórias diferentes. Nas circunstâncias adequadas, os mitos podem mudar muito depressa. Em 1789, a população francesa, quase da noite para o dia, deixou de acreditar no mito do direito divino dos reis e passou a acreditar no mito da soberania do povo. Em consequência, desde a Revolução Cognitiva o *Homo sapiens* tem sido capaz de revisar seu comportamento rapidamente de acordo com necessidades em constante transformação.²⁸

A busca por uma boa relação de cooperação entre as pessoas não é só uma questão de precisar parecer gente boa, bonita, elegante e sincera, e sim, uma necessidade de sobrevivência. Por isso, não é razoável que um indivíduo inserido em uma comunidade possa ter um convívio salutar sem que haja a consciência de que a liberdade só funciona se estiver acompanhada da responsabilidade.

Viktor Frankl afirma em suas conferências nos Estados Unidos da América, ser uma boa ideia complementar a Estátua da Liberdade – um monumento situado na costa leste –, com uma estátua da responsabilidade, monumento este que poderia ser construído na costa oeste, do outro

²⁷ FRANKL, 2018, p. 102.

²⁸ HARARI, 2018, p. 41.

lado do país. Certamente, facilitaria para explicitar às pessoas que liberdade e responsabilidade precisam andar de mãos dadas, que são indissociáveis e que, mediado por elas, a vontade pode encontrar o sentido.

E será mesmo que existe a liberdade? Ao ser abordado com perguntas que induzem à crença de que o seu olhar parece inocente em relação ao ser humano, pois parece não reconhecer os condicionamentos culturais, biológicos, econômicos ou sociais aos quais as pessoas são submetidas, Frankl sustenta reconhecer, enquanto médico e professor, tudo isso, todas essas exposições e submissões; mas, como sobrevivente de quatro campos de concentração, conhece a força que habita no ser humano, para que resista nas piores situações e as enfrente.

Aquilo que sucede interiormente com a pessoa, aquilo em que o campo de concentração parece ‘transformá-la’, revela ser o resultado de uma decisão interior. Em princípio, portanto, toda pessoa, mesmo sob aquelas circunstâncias, pode decidir de alguma maneira no que ela acabará sendo, em sentido espiritual: um típico prisioneiro de campo de concentração, ou então uma pessoa, que também ali permanece sendo ser humano e conserva sua dignidade. Dostoevsky afirmou certa vez: ‘Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento’. Essas palavras ficavam passando, muitas vezes, pela cabeça da gente quando se ficava conhecendo aquelas pessoas tipo mártir, cujo comportamento no campo de concentração, cujo sofrimento e morte testemunham essa liberdade interior última do ser humano, a qual não se pode perder. Sem dúvida, elas poderiam dizer que foram ‘dignas dos seus tormentos’. Elas provaram que, inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior. A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido.²⁹

A vivência de Viktor Emil Frankl nos campos de concentração o transformou. Não se busca o sofrimento quando se tem a consciência saudável, e como visto, só é possível encontrar o sentido no sofrimento quando ele é um golpe do destino, algo indesejado, sem planejamento ou expectativa. Todavia, é quando Frankl experimenta a falta de liberdade física na Segunda Guerra Mundial, quando é tolhido de exercer seu ofício, de viver a vida desejada e planejada ao lado da esposa e da família, que ele compreende que lhe resta a dignidade da escolha.

Então a liberdade existe para todos? Sim, o ser humano é um ser livre! Mesmo que a liberdade exterior seja cerceada, a liberdade de como se portar, de como agir e reagir em relação à vida, não pode ser encarcerada por outro, essa é a liberdade espiritual na qual Frankl se refere. Quem professa esse discurso não é o psiquiatra no consultório, mas, sim, o prisioneiro número 119104, que foi despido de suas vestes, que teve um manuscrito de uma de suas obras roubado,

²⁹ FRANKL, 2018, p. 89.

mas que naquele momento encontra sentido na dor. Valorizar a vida apesar de tudo, seu lema, e na prática, o seu êxito.

E a responsabilidade, seria uma espécie de irmã careta³⁰ da descolada³¹ liberdade?

Essa ênfase sobre a responsabilidade reflete-se no imperativo categórico da logoterapia: ‘Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora’. Parece-me que nada estimula tanto o senso de responsabilidade de uma pessoa como essa máxima, a qual a convida a imaginar primeiro que o presente é o passado e, em segundo lugar, que o passado ainda pode ser alterado e corrigido. Semelhante preceito confronta-a com a finitude da vida e com o caráter irrevogável daquilo que ela faz de sua vida e de si mesma.³²

A responsabilidade pode muito bem atuar no papel de quem propicia uma jornada equilibrada e feliz para a liberdade, e isso passa muito longe dessa analogia da irmã careta e controladora. Não há como uma delas andar sem a outra, ambas, liberdade e responsabilidade se complementam, necessitam uma da outra, e juntas são imprescindíveis na construção de uma sociedade mais justa, constituída por cidadãos decentes, interessados no bom convívio entre todos, discutindo e esvaziando preconceitos, fortalecendo a educação e a sua mais valia e, principalmente, celebrando os valores e as virtudes humanas.

Sempre me pareceu que não responsabilidade fosse uma característica brasileira e é, mas não somente. Refletindo sobre um antigo texto me dei conta de que é uma característica humana: ele ouve os passos de Deus no jardim, fica com medo e se esconde... Adão, onde estás!? E ao ser interpelado, Adão acaba tirando o corpo fora e, em última instância, colocando a culpa em Deus: a mulher que Tu me deste... Radiografia da alma humana: a responsabilidade não é minha!³³

Esse movimento de tirar o corpo fora, de fugir da responsabilidade quando a coisa aperta, de tentar incriminar o outro para se safar, é uma face feia do homem. Tudo isso tem a ver com o nosso assunto, pois a pessoa é livre também para fazer escolhas erradas. Sem responsabilidade na escolha de como levar uma vida dotada de sentido, os caminhos sempre serão tortos, enganosos e perigosos. É a responsabilidade do indivíduo perante a liberdade das suas escolhas, que o torna um ser virtuoso.

Três são os tipos de valores, que uma vez vivenciados e realizados inundam a vida de sentido: valores criativos, aquilo que a pessoa faz pelo mundo: o trabalho, as realizações, o voluntariado...; valores vivenciais ou experienciais, aquilo que a pessoa acolhe do mundo: a arte, a música, a filosofia. A amizade,

³⁰ Gíria usada para designar alguém fora de moda, que não arrisca coisas novas e diferentes.

³¹ Gíria usada para designar pessoa confiante, desenvolta, de comportamento sociável.

³² FRANKL, 2018, p. 134.

³³ JESUS, 2018, p. 40.

o amor...; valores atitudinais, há certas ocasiões em que a pessoa não tem força para dirigir a vontade de sentido para fora de si mesma, nem aquilo que o mundo lhe proporciona é bom ou agradável, quando ela está diante do sofrimento inevitável, obviamente não se trata de querer sofrer ou amar o sofrimento, isso é masoquismo e precisa ser tratado, a questão aqui é a atitude diante do sofrimento inevitável, não podendo mudar a situação exterior em que se encontra imersa, a pessoa tem a possibilidade de mudar a si mesma.³⁴

A responsabilidade do indivíduo se estabelece na liberdade, sua e do outro. Um ser livre precisa vestir a camisa da responsabilidade ao tratar com o próximo, no exercício empático e na tentativa de vivenciar a alteridade, mas também necessita ser responsável consigo, com as suas escolhas, pois elas impactam o seu mundo. Se vivemos em uma grande teia de conexões, se tudo está interligado, se cada ação individual resulta no coletivo, cada ser livre é responsável pelo impacto que causará com suas ações e omissões, por isso é importante desenvolver uma ética na busca pela vontade de sentido, onde o dever ser, se viabiliza pela mediação da responsabilidade junto à liberdade.

“No meio-termo há equilíbrio, possibilidades satisfatórias e necessidades suficientes para a concretização de uma vivência plena de sentido”.³⁵

³⁴ JESUS, 2018, p. 43.

³⁵ Ibid., p. 53.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frankl afirma que liberdade e responsabilidade não podem viver dissociadas, que elas necessitam uma da outra. Muitas das coisas do mundo são diretamente interdependentes, conectadas entre si, pois se complementam, somam, melhoram e crescem, não tornando costumeiro que se pense em um sem o outro.

Viktor Frankl e a Logoterapia são um exemplo disso, de como um não pode ser pensado sem o outro. Pode-se dizer que assim é com todo pensador e sua obra, o que não estará errado, pois a obra é fruto das observações e trocas do autor com o mundo e obviamente seu pensamento estará impresso em tudo, mas com Frankl e a Logoterapia isso parece ser mais intenso. Talvez pelo fato de que ele tenha passado pelo *experimentum crucis*, por ter podido organizar todo sentimento latente nos livros após ter vivido e sentido na carne centenas de situações indecentes, desumanas e cruéis, talvez por ter tamanha propriedade na defesa das suas percepções e, assim, poder compartilhá-las com todos de forma clara e objetiva; talvez por isso não seja possível falar de um sem enxergar o outro, nem deixar de perceber a intensidade da conexão entre a vida e a obra.

Ao término deste trabalho introdutório sobre a liberdade e a responsabilidade na busca pelo sentido na obra de Viktor Emil Frankl, conclui-se que a vontade de sentido é o combustível que movimenta o ser humano para a obtenção do êxito nos enfrentamentos que a vida apresenta, que ela é individual, ou seja, cada um precisa encontrá-la no mundo para poder encontrar-se, e que a busca pelo sentido da vida não pode ser um fardo, mas, sim, uma aventura, pois o sucesso não está lá no distante e perseguido ponto de chegada, mas na jornada.

A liberdade e a responsabilidade precisam andar de mãos dadas, pois um caminho só pode ser bem percorrido, se houver o diálogo entre as exigências da responsabilidade e a leveza da liberdade. Na busca pelo sentido, a responsabilidade para com o outro e para com o mundo, é uma exigência da liberdade, pois só assim os muitos sentidos ao longo do percurso serão revelados e descobertos, dado que a vontade de sentido não é estática.

Constatamos ainda que a vida necessita de sentido, apesar das suas contingências, pois somente quando se ama a própria vida é que nasce a possibilidade de se viver para o mundo.

Há muito ainda a ser abordado tendo a vontade de sentido como ponto de partida para outros questionamentos, inclusive para pesquisas futuras. Muitos caminhos possíveis não foram sequer citados; porém, vale registrar que a obra de Frankl é riquíssima e está aberta para novas interpretações e possibilidades. No livro *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de*

concentração, há uma cena relatada por Frankl, em que a arte desconstrói por alguns momentos os horrores e até os papéis exercidos no campo, pois por instantes a música feita em instrumentos improvisados, o teatro, a dança e a poesia, acalentavam aqueles prisioneiros. Às vezes, a arte salva vidas; porém, a todo instante, ela diminui a miséria humana.

Por fim, segue o texto de uma canção composta especialmente para o fechamento desse ciclo.

Um prisioneiro me disse
 Não existe liberdade
 Estou preso no meu tempo
 No dinheiro e na vaidade
 O que me mantém de pé:
 A responsabilidade
 Estou preso no meu tempo
 No dinheiro e na vaidade

Discordei do prisioneiro
 Minha crença é diferente
 A chave pra liberdade
 Está guardada na mente
 Pois a postura pra vida
 É o que liberta a gente
 A chave pra liberdade
 Está guardada na mente

Quando tudo dá errado
 E o jogo parece perdido
 Você tem que abrir os olhos
 Ver o mundo colorido
 Porque até nas horas brabas
 Dá pra encontrar sentido
 Você tem que abrir os olhos
 Para encontrar sentido³⁶

A vontade de sentido tem um alto valor de sobrevivência para o indivíduo, e é por isso que precisa ser difundida e trabalhada.

³⁶ Autor: Rodrigo Munari, estudante de Filosofia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. **Logoterapia e análise existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 43. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2018. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline.

_____. **A presença ignorada de Deus**. 22. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2021. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold.

_____. **Um sentido para a vida**. São Paulo: Ideias e Letras, 2005. Tradução de Victor Hugo Silveira Lapenta.

_____. **Sede de sentido**. 5. ed. São Paulo: Quadrante, 2016. Tradução de Henrique Helfes.

_____. **O que não está escrito nos meus livros**: memórias. São Paulo: É Realizações, 2010. Tradução de Cláudia Abeling.

JESUS, Luciano Marques de. **Qual é o sentido?** Reflexões sobre o sentido da vida a partir de Viktor Frankl. Porto Alegre: Edipucrs, 2018.

PEREIRA, Ivo Studart. **A ética do sentido da vida**: fundamentos filosóficos da logoterapia. 2. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2020.

PEREIRA, Ivo Studart. **Tratado de logoterapia e análise existencial**: filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2021.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. 38. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018. Tradução de Janaína Marcoantonio.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br